

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 42

SETEMBRO, 5, 1969

NOTÍCIA SÔBRE OS ÍNDIOS ANAMBE (RIO CAIARI, PARÁ)

EXPEDITO ARNAUD (*)
Museu Goeldi

EDUARDO GALVÃO (*)
Museu Goeldi

Em 1948, Arnaud foi designado pela 2ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios para investigar a situação de um grupo indígena existente no rio Caiari, afluente do Moju, no Estado do Pará. Esse grupo era conhecido como Turiwára e estava localizado pouco acima de um lago no que se pode considerar o curso médio do rio, acessível apenas à navegação de pequenos batelões.

Exceto pela língua identificada como de filiação Tupí, praticamente não se diferenciava da população regional na indumentária, tipo de habitação, subsistência à base de roçados de mandioca e participação na indústria extrativista. Somava 32 indivíduos, incluindo um caboclo casado com índia, reunidos em uma "aldeia". Não houve então oportunidade para uma verificação da identidade tribal Turiwára.

Vinte anos mais tarde, em junho de 1968, em face a notícias que os citados índios permaneciam no rio Caiari, realizamos (Arnaud e Galvão) nova excursão juntamente com Arlé, (1) com o objetivo de reunir alguns dados etnográficos e avaliar a situação de contacto desses remanescentes com a sociedade regional. Fomos encontrá-los situados ainda naquele trecho do rio, porém mais abaixo da antiga localiza-

(*) — Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Essa excursão foi realizada na embarcação da Expedição Permanente da Amazônia, "Lindolfo R. Guimarães", mantida pela FAPESP, Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo e Museu Goeldi. Roger Arlé acompanhou a expedição como zoólogo.

ção. Tinham aí suas roças, mas na ocasião estavam dispersos para o "alto" realizando caçadas.

Quando reunidos observamos uma população mais reduzida que a de 1948. Somam agora 19 pessoas, sendo 11 homens (6 acima de 15 anos, 5 abaixo) e 8 mulheres (7 acima de 15 anos, 1 abaixo). Dos indivíduos que havíamos registrado em nossa primeira viagem sobrevivem apenas 4 homens e 5 mulheres.

Na proximidade da aldeia residem dois brasileiros casados com índias. Um dêles em união poligínica com duas irmãs, filhas do atual cabeça do grupo, o velho Aypan (2). Agregados a um núcleo de três famílias caboclas, residindo próximo, estão duas meninas e um rapaz índios. Informaram ainda a existência de mais três índios criados por famílias das cidades de Tucuruí, Mocajuba e Belém.

A maioria dos componentes do grupo é atualmente bilingue, falando o Tupí internamente mas dominando o português nas relações com os "brancos". Identificam-se como Anambé considerando Turiwára a outros índios.

A atual aldeia está estabelecida próxima à margem do rio sem plano de orientação e alinhamento. As habitações são retangulares, com coberturas de duas águas de palha de inajá, totalmente abertas ou com paredes de palha, já possuindo duas delas assoalhos de talas de palmeira. Nessas malocas a única peça de mobiliário é a rêde do tipo "cearense" adquirida no comércio, pois a fabricação de rêdes do tipo tradicional não mais ocorre no âmbito do grupo.

A cerâmica, segundo informaram, de há muito deixaram de fabricar, sendo a alimentação preparada em fogões de terra, fogueiras ou moquéns com o emprêgo de panelas de

(2) — A poliginia é admitida pelo grupo. O líder Aypan, até pouco tempo era casado com duas mulheres. Comentava-se também um caso anterior, em que um brasileiro possuía duas espôsas índias. Com relação a brasileiros, o fato não é abertamente admitido. No caso citado, argumentava-se que a segunda espôsa era apenas "cunhada" e negava-se a parceria sexual.

metal. Nas refeições já utilizam facas, colheres, pratos e tigelas.

Para navegação empregam pequenas canoas, tipo ubá, impelidas a remo que adquirem junto aos caboclos. Confeccionam ainda cestos para condução de carga, abanos e peneiras de trançado sobreposto, bem como pequenos cestos para guardar miudezas de trançado em espiral. Os tipitis, para prensar a massa de mandioca, cuja confecção reputam como muito laboriosa, são obtidos por compra.

A subsistência é baseada na agricultura e na caça sendo suplementada pela pesca e coleta. Plantam sobretudo a mandioca brava, milho, macaxeira, batata-doce, cará, bananas e ananás. Os roçados são abertos com terçados e machados, ocorrendo o uso de facas e enxadas por ocasião do plantio e colheita. A brocagem e derrubada são executadas pelos homens, o plantio constitui atividade mista e, na colheita, atuam principalmente as mulheres. Os grupos domésticos costumam fazer lavouras separadas, as quais nos dias que decorrem costumam variar entre 4 e 8 tarefas (1 ha.). As vezes, derrubam uma grande área que, após o plantio, costumam dividi-la proporcionalmente. No processamento da mandioca são utilizados peneiras, pilões, tipitis, velhas canoas para acondicionamento da massa, ralos de pedaços de lata furados a pregos e fornos feitos de tonéis de ferro. Para fabricação da farinha e do beiju misturam a massa puba com a massa ralada.

O caxiri, bebida fermentada à base da mandioca, segundo esclareceram, desde muito tempo deixaram de fabricar. O fumo cujo consumo é habitual adquirem no comércio. O uso de bebidas alcoólicas importadas ocorre de modo ocasional. Na caça empregam espingardas tipo cartucheira. Na pesca linha de algodão e de *nylon* com anzóis de aço e ainda o arco e a flecha.

A *couvade*, a crermos em informantes, não é mais praticada. Como parteiras, de acôrdo com a tradição, atuam as mulheres mais velhas que já utilizam tesouras para seccionar

o cordão umbilical mas sem esterilizá-las. Em 1948 encontramos dois pajés (Domingos e Simplício), ambos já falecidos. Presentemente, por falta de tempo não pudemos apurar devidamente a existência ou não de um elemento desempenhando essa função; e o líder Aypan que indicaram como tal negou que o fôsse. Os enterramentos antigamente eram feitos nas proximidades das habitações, passando a ocorrer desde 20 anos no cemitério utilizado pelos brasileiros da região. Não são mais realizadas festas tradicionais, costumando os índios dançar em promiscuidade com os civilizados nas imediações da aldeia e também na cidade de Mocajuba. A presença da religião católica se faz sentir apenas através do batismo. Um pastor protestante que há tempos tentou convertê-los não alcançou êxito.

Estão os atuais Anambé divididos entre os seguintes grupos domésticos : 1) líder Aypan e espôsa; 2) Manuel filho de Aypan), espôsa e dois filhos menores; 3) Mukan (irmão de Aypan) e espôsa, a filha com o espôso e um filho, e uma "sobrinha" com o filho; 4) Kaí e espôsa (filha de Aypan) com três filhos e uma prima. Existe portanto apenas um grupo doméstico que pode ser considerado como constituído por família extensa, sendo os demais formados por famílias simples e, embora predominem os casamentos monogâmicos, a poliginia, como já vimos, também ocorre no âmbito do grupo, inclusive com a participação de elementos estranhos. Quanto à terminologia de parentesco cuja estrutura por insuficiência de observação não será aqui caracterizada, apresentamos apenas as seguintes indicações :

| | | |
|----------------------|-------------|--------|
| Pai do pai ou da mãe | (H. e M. f) | Eramun |
| Mãe da mãe ou do pai | (" " ") | Ati |
| Pai | (" " ") | Harú |
| Mãe | (" " ") | Hari |
| Irmão da mãe | (" " ") | Etuti |
| Irmã do pai | (" " ") | Eamun |
| Irmão m. velho | (H. f.) | Erekii |
| Irmão m. nôvo | (" " ") | Erewi |

| | | |
|----------------------------|-------------|----------------|
| Irmã | (“ “ “) | Erendira |
| Irmã m. velha | (“ “ “) | Eareká |
| Irmã m. nova | (“ “ “) | Kupuí |
| Irmão | (“ “ “) | Ekuín |
| Filho verdadeiro | (H. e M. f) | Eraí |
| Filha verdadeira | (“ “ “) | Erayê |
| Mãe da espôsa ou do espôso | | Epatainan |
| Pai do espôso ou da espôsa | | Erepaminian |
| Espôso | | Ekuan |
| Espôsa | | Emerikó |
| Espôso da filha | (H. e M. f) | Haredirerekuan |
| Espôsa do filho | (“ “ “) | Haraymerikó |

A economia de excedente na região do Caiari é predominantemente extrativista tanto a dos índios como a dos caboclos. Ocorre sobretudo através da exploração de madeiras, látex de maçaranduba, óleo de copaíba, peles, carnes de caça e resina de jutaíca. Há uma pequena produção de farinha, milho, abóbora, outros produtos agrícolas, suínos, patos e galinhas. Os artigos importados e adquiridos são principalmente o sal, açúcar, café, fumo, fósforos, espingardas, pólvora, chumbo, cartuchos, anzóis e linha de pesca, rêdes, roupas, querosene, ferramentas para lavoura e por parte dos brasileiros rádios transistorizados. O comércio é exercido por regatões procedentes do Moju e do município de Igarapé-Miri, bem como por alguns empresários regionais estabelecidos ao longo do rio, os quais possuem “patrões” em Belém e no Moju, controlando por sua vez outros empresários menores. Os índios, pelo menos nestes últimos 20 anos, vêm sendo “afreguezados” por um único comerciante que os orienta no sentido de produzirem aquilo mais conveniente aos seus interesses. Todavia, alguns dêles já procuram negociar parte do que produzem na cidade do Mocajuba (3).

(3) — As transações no meio regional são estipuladas com base na moeda corrente. Porém, salvo por exceções ou em se tratando de salários de braçais, os saldos porventura havidos são pagos em espécie, pois os empresários e regatões geralmente alegam não possuir dinheiro em mão. Quando o saldo é mais significativo, o interessado que não pretenda ser prejudicado precisa viajar até Igarapé-Miri ou Belém acompanhando o patrão.

Para exploração da madeira o empresário local é suprido com mercadorias destinadas à alimentação e outros fins, bem assim com uma importância em dinheiro para ocasionais adiantamentos aos trabalhadores. Estes estão sendo pagos a NCr\$ 3,00 ou 3,50 por dia com direito a comida. Cada empresário costuma operar com turmas de 10 a 15 homens durante a estação das chuvas, sendo raro aqueles que derrubam no "verão" para transportar por ocasião da enchente, por insuficiência de capital. O serviço relativo à derrubada e preparação dos toros ou pranchas é realizado mediante o emprêgo de machado e roladeira. No desdobramento de tábuas, aliás efetuado em pequena escala, é aplicado o serrotão. O tombamento dos toros para a margem do rio é feito geralmente a braço, embora já ocorra também a utilização do boi nesse transporte. Em seguida a madeira é disposta em jangadas para baixar ao longo do rio.

No trabalho da maçaranduba os homens costumam trabalhar aos pares, não recebem salários e apenas um fornecimento para ser deduzido por ocasião do acêrto de contas. A extração do leite é efetuada através de incisões no caule sob a forma de anéis até que, não podendo mais ser alcançado um ponto desejado, a árvore é derrubada. O líquido é defumado e transformado em blocos variando entre 40 a 50 kg e, modernamente, também é exportado em estado natural acondicionando em tonéis de ferro. Conforme nos esclareceu um empresário, a madeira não é aproveitada porque as áreas onde estão operando ficam muito distantes dos cursos de água. Nas demais atividades os produtores costumam trabalhar por conta própria, embora possam igualmente compromissar a produção através de um aviamento previamente recebido.

* * *

As fontes históricas assinalam a presença em meados do século XIX, na região situada ao sul do Estado do Pará (2 a 5° de lat. S. e 47 a 50° de long. W), de grupos Tupí sob a denominação de Turiwára, Amanajé, Tembê e Anambé. A

respeito dos mesmos, para efeito dêste relatório, recorreremos sobretudo a Nimuendaju (1948 : 193-204), que a nosso ver melhor condensou a notícia sôbre a área.

Os Turiwára teriam emigrado do Maranhão para o Pará logo após os Tembê, entre 1849 e 1850 (Nimuendaju, 1948 a : 193). Brusque (1863 : 15) se refere a núcleos de Turiwára e Amanajé nas margens dos rios Capim e Acará. Os índios que habitavam o Capim eram dóceis e dedicavam-se “à colheita e à extração de produtos naturaes” (ibid. : 13-15). A população Turiwára, sob contrôle de um regatão, havia então (1860) abandonado as roças de mandioca para se empenhar na extração de óleo e caça de jabutis (ibid).

Em 1871, no lugar Tracateua (Capim), foi instalada a Missão Nossa Senhora de Assunção onde foram reunidos entre 500 e 600 Tembê e Turiwára (Cunha Junior, 1873 : 22-23; Azevedo, 1874 : 48). Em 1872, uma outra Missão, a de S. Fidelis, agrupava de 200 a 300 Amanajé, dado que a rivalidade entre êles e os Turiwára não permitia sua reunião em um só núcleo (ibid). Em 1885, encontravam-se aldeados 100 Turiwára no Acará Grande e mais 71 no Acará Pequeno (Baena, 1885 : 28, *apud* Nimuendaju, 1948a : 193).

Logo após a criação do Serviço de Proteção aos Índios, ocorrida em 1910, seu Inspetor Regional no Pará realizou uma expedição ao rio Ararandeuá, um dos formadores do Capim. Aí encontrou um grupo Amanajé dirigido por uma mulher mulata de nome Damásia, que assumira a chefia após a morte do marido (Brasil. Índios 1913 : 17), também referida por Nimuendaju & Métraux (1948 : 200). No Surubiju, outro formador do Capim, um ajudante do S.P.I. em 1911 avistou índios Tembê em pequenos aldeamentos “mais numerosos que os Amanajés do Ararandeuá com os quais tinham relações de amizade” (Brasil, Índios, 1913 : 17). Fabricavam farinha e tabaco que negociavam com os regatões “à troca de quinilhariás” (ibid). Um grupo

Amanajé foi registrado por Algot, em 1913, no Alto Moju (Nimuendaju & Métraux, 1948 : 200).

Em 1942, sobreviviam no rio Ararandeuá 17 Amanajé, “na maioria mestiçados e sob a chefia de um filho da Damásia” (ibid.). No rio Acará, segundo dados existentes no arquivo da 2ª Inspeção Regional do S.P.I. (Belém, Pará), haviam 15 Turiwára e 22 Tembé. A respeito desses remanescentes nada mais consta no arquivo da citada Repartição, mas, a crermos em informantes Amanajé, é provável que tenham se dispersado ou deixado de existir como unidade tribal. Os índios do Acará, no entanto, conforme soubemos através de um velho Tembé que acaba de visitar Belém, ainda sobrevivem cêrca de 20 reunidos em um só núcleo. Vivem de modo idêntico que os caboclos e apenas os mais idosos ainda relembram palavras do dialeto original.

Os Anambé, conforme Pinto (1894 : 74-75), desde séculos habitavam nas cabeceiras do rio Pacajá Grande do Portel. Em 1852, surgiu no então distrito de Baião, à margem do rio Tocantins, “um tuchaua acompanhado de outros índios Anambés pedindo proteção e mostrando-se dispostos a aldear-se” (Cunha, 1953 : 19). Supunha-se “ser essa tribo composta de mais de 600 pessoas” (ibid.). Subseqüentemente Brusque (1862 : 17) registra a existência no Alto Pacajá, de um grupo composto de índios Curupity (?) e Anambé somando cêrca de 250. Conforme suas expressões, os Anambé eram pacíficos e há mais de 20 anos mantinham relações com a população civilizada (ibid.). Em 1874, estava essa aldeia reduzida a 46 pessoas e no ano seguinte havendo 34 dêles morrido de varíola os sobreviventes foram se juntar ao grupo do Tocantins (Nimuendaju, 1948 b : 204). Por fim Nimuendaju (ibid.) os menciona como extintos. Em 1943, ao visitar os índios do Caiari os identificou como Amanajé “aí vivendo há várias décadas em contacto com neobrasileiros, mas que chamavam a sí próprios Turiwára (Nimuendaju & Métraux, 1948 : 200). Aqui, no entanto, tratamo-los como Anambé pelo fato dos informantes terem assim se identificado.

Mas o fazemos com certa reserva, uma vez que não nos foi possível esclarecer a origem geográfica desses remanescentes e a informação histórica ser insuficiente.

A atual população Anambé diminuiu em relação à de 1948 não apenas pelo desgaste demográfico, mas também pela evasão de indivíduos, sobretudo mulheres, através de casamentos ou uniões com brasileiros e pela adoção de jovens. Por outro lado, o parentesco muito próximo dos atuais componentes do grupo e o número reduzido de mulheres são fatores impeditivos a uniões no âmbito interno e a seu crescimento.

Nestes últimos vinte anos a situação de contacto permanente tomou forma definitiva. Até então a penetração do rio Caiari por brasileiros e sua fixação atingia da foz do rio Moju até o Repartimento, situado na confluência do igarapé Apií, onde à época se implantava uma povoação de roceiros oriundos de Mocajuba, "crentes" pentecostais da Assembleia de Deus. Dessa vila para cima os Anambé eram os únicos ocupantes fixados e permanentes. A partir de 1950, no entanto, a indústria madeireira e a coleta do látex de maçaranduba atraiu novos povoadores. Além de um número de famílias radicadas entre o Repartimento e o alto Caiari, geralmente empreiteiros, cerca de 200 trabalhadores se distribuem anualmente pela área durante a safra da madeira e da "balata" (4). São contratados em Mocajuba, Baião e Cameté e sua permanência é de três a quatro meses.

Os Anambé raramente participam dessas empreitadas. Sob a influência paternalista do seu empresário que os considera "fracos" para o pesado trabalho de derruba e arrasto de madeira, atuam mais como fornecedores de peles, carne de caça, farinha, copaiba, resina de jutaicica e em trabalhos auxiliares. Isso lhes é desvantajoso em termos de ganho (a diária de um madeireiro é em média de NCr\$ 3,50) mas os permite, por outro lado, manter o grupo coeso e fixado em

(4) — Denominação local para o látex de maçaranduba.

uma “aldeia” e a sua sobrevivência como unidade tribal distinta da dos brasileiros.

SUMMARY

The Anambé Indians, a tupian speaking group, located nowadays at the Caiari River, a small tributary of the Moju River, in the State of Pará, have been first visited by Arnaud in 1948. A second visit with Galvão, twenty years later, provided ethnographic information which is briefly reported in this paper, and a comparison with their situation twenty years ago.

A description is made of their present socio-cultural context, linguistic and tribal affiliation, as well as some historical data on the Turiwára, Amanajé, Tembé and Anambé Indians, which since the middle of the last century have been located in the south of the State of Pará.

Observations are made about the situation of contact and the relations of Brazilians and Indians within an area where dominates an economy based on the exploitation of natural resources such as timber and rubber (maçaranduba). They still live as an ethnic unit, keep a tupian dialect for internal communication and traditional kin organization. Others aspects of their culture such as house type, pottery, and a number of handicrafts have been substituted for Brazilian models. There is also a certain degree of intermarriage with “whites” and a marked economic dependence on white merchants. They are mainly providers of game meat, skins and manioc flour.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AZEVEDO, PEDRO VICENTE

1874 — *Relatorio á Assembléia Legislativa Provincial em 15 de Fevereiro de 1874*. Pará, 90 p., anexos.

BAENA, MANUEL

1885 — *Informações sôbre as comarcas da Provincia do Pará*. Pará.

BRASIL. SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

- 1913 — *Exposição sobre o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, constante do relatório do Sr. Ministro da Agricultura relativo ao ano de 1911.* Rio de Janeiro, 47 p.

BRUSQUE, FRANCISCO CARLOS DE

- 1862 — *Relatório apresentado á Assembléia Legislativa da Provincia do Pará na primeira sessão da XIII legislatura em 1.º de setembro de 1862.* Pará, 91 p., anexos.
- 1863 — *Relatório apresentado á Assembléia Legislativa da Provincia do Pará na primeira sessão da XIII legislatura em 1.º de novembro de 1863.* Pará, 115 p., anexos.

CUNHA, JOSÉ JOAQUIM DA

- 1853 — *Falla dirigida á Assembléia Legislativa Provincial, na abertura da no dia 15 de Agosto de 1853.* Pará, 40 p., anexos.

CUNHA JUNIOR, DOMINGOS JOSÉ

- 1873 — *Relatório com que passou a administração da Provincia do Pará ao 3.º Vice-Presidente Dr. Guilherme Francisco Cruz em 31 de Dezembro de 1873.* Pará, 52 p., anexos.

NIMUENDAJU, CURT

- 1948a — "The Turiwara and Aruã". In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Am. Ethnol.* Washington, 143(3) : 193-8.
- 1948b — "The Anambé". In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Am. Ethnol.* Washington, 143(3) : 204.

NIMUENDAJU, CURT & MÉTRAUX, A.

- 1948 — "The Amanayé". In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Am. Ethnol.* Washington, 143(3) : 199-202.

PINTO, ALFREDO MOREIRA

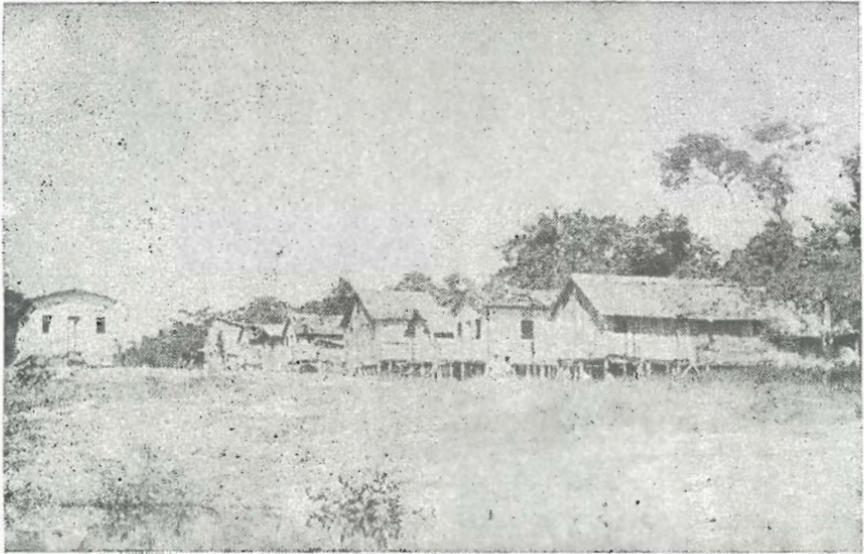
- 1894 — *Apontamentos para o Dicionario Geographico do Brasil.* Rio de Janeiro, v. 1 : A-E, 741 p.



Grupo-local Anambé (Foto E. Arnaud, 1948)



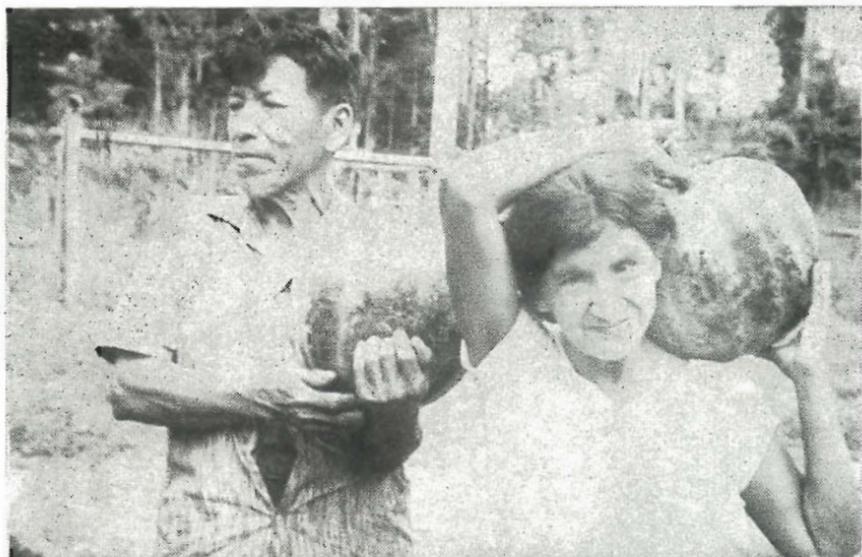
Remanescentes Anambé (Foto E. Arnaud, 1968)



a) Povoação do Repartimento (Foto E. Arnaud, 1968)



b) Maloca Anambé (Foto E. Arnaud, 1968)



a) Tipos Anambé (Foto E. Arnaud, 1968)



b) Tipos Anambé (Foto E. Arnaud, 1968)



a) Tipos Anambé (Foto E. Galvão, 1968)



b) Tipos Anambé (Foto E. Arnaud, 1968)



Tipos Anambé (Fotos E. Galvão, 1968)